

O SESQUICENTENÁRIO DA EXPEDIÇÃO LANGSDORFF,  
TAMBÉM CONHECIDA POR "VIAGEM FLUVIAL  
DO TIETÊ AO AMAZONAS" ( 1825 – 1829 ) \*

Arnaldo Machado Florence

O Czar Alexandre I, Imperador da Rússia, em princípio de 1825, encarregou ao notável naturalista e médico alemão Georg Heinrich von Langsdorff ( Jorge Henrique de Langsdorff ), membro da Academia de Ciências de S. Petersburgo, Encarregado de Negócios e Cônsul-geral da Rússia no Brasil durante o primeiro reinado, de organizar uma expedição científica a fim de efetuar e dirigir uma grande exploração por todo o interior do Brasil, devendo em primeiro lugar dirigir-se a Mato Grosso, e depois, pelo rio Amazonas seguir até o Pará, partindo do Rio de Janeiro, por mar, para Santos, à frente da comissão de cientistas e artistas que tinham por escopo, sob a proteção do Czar Nicolau I, percorrer os imensos sertões do Brasil, recolhendo todo material comprovadamente valioso nos domínios da botânica, zoologia, geografia, história, etnografia, economia, estatística, lingüística etc., para servir de inestimáveis fontes de estudos da natureza, economia e cultura de nosso País, no começo do século XIX. "Além de merecer proteção especial do Imperador Alexandre I, escreve o Visconde de Taunay, tinha grande prática de diuturnas viagens e gozava de certa reputação nos círculos científicos da Europa."

Vida rica de empreendimentos em inteira harmonia com a sua extraordinária cerebração, que cedo o pôs a serviço dos elevados objetivos da Academia de Ciências de São Petersburgo ( atual Academia de Ciências de Leningrado ), Langsdorff, em função deles, depois de se haver afirmado como médico, inicialmente em sua pátria, a Alemanha, e, a seguir, em Portugal, onde pôde demonstrar sua envergadura, participou de importantíssimas expedições científicas praticamente pelo mundo inteiro, nas quais se evidenciou como etnógrafo e zoólogo de excepcionais méritos e antes, muito antes de passar a representar a Rússia como seu cônsul-geral no Rio de Janeiro, entrou em contacto com a terra e a gente brasileira, afeiçoando-se de tal forma ao nosso País, que, brevemente, passou a desenvolver nos principais centros europeus entusiástica propaganda deste por ele tida como privilegiada região da América.

(\*) Palestra proferida na Câmara Municipal de Jundiá, em 15/10/1976, sob os auspícios da Secretaria de Educação e promoção do Museu Histórico e Cultural de Jundiá.

Buscando atrair para aqui grande quantidade de imigrantes, sua linguagem na campanha sobre as excelências oferecidas por esta parte do mundo, pode medir-se por enunciados como estes: "... A imaginação mais rica e mais feliz e a mais perfeita das línguas criadas pelo homem, sequer de longe pode dar idéia da extensão dos tesouros e magnificências desta natureza" ou "Quem quer que anseie por motivos poéticos — que vá ao Brasil, pois ali a natureza poética responde a seus pendores. Qualquer pessoa, inclusive a menos sentimental, se deseja descrever as coisas como elas são ali se transforma em poeta."

Acalentadíssimo plano seu, que afinal acabou apresentando à Academia de Ciências de São Petersburgo, a realização da expedição científica pelo interior do Brasil, nos termos expostos logo acima, recebeu, em 1821, o patrocínio do então "Czar" Alexandre I, que a custeou com seus recursos pessoais, encargo honrado — após a morte desse soberano em 1825 — pelo seu sucessor, o já citado Nicolau I.

E Langsdorff, assim solidamente apoiado, convidou para tomarem parte em seu grande cometimento o oficial de marinha russo Nestor G. Rubzoff, altamente apreciado, como astrônomo, pelos célebres navegantes seus patrícios G. A. Sarytchev e V. M. Golovnin; o zoólogo francês E. P. Ménètries ( 1802 — 1861 ), aluno do sábio Georges Cuvier e do naturalista André Latreille, um dos fundadores da entomologia; o insigne botânico alemão Lüdwing Riedel ( 1790 ou 1794 — 1861 ) e o caçador G. W. Freyreiss ( 1789 — 1825 ), estes dois últimos já com longas viagens em que palmilharam o território brasileiro e, finalmente, o talentoso desenhista e pintor alemão Johann Moritz Rugendas, equipe que prestou a Langsdorff muito assinalado concurso, no período compreendido entre 1822 e 1825, quer no reconhecimento da Província do Rio de Janeiro, perlustrada em diversas direções, quer em grande excursão pelas Minas Gerais, de que se remeteu para a Rússia bom material, acompanhado de desenhos de Rugendas.

Quando, porém, em 3 de setembro de 1825, se deu a saída do Rio de Janeiro para Santos, a fim de se preparar o incomparavelmente maior de todos os percursos programados, que começou pelo rio Tietê ( o lendário Anhembi ou Anhambí ), com ponto de largada no porto, por excelência, das bandeiras e das monções paulistas, acertadamente cognominado Porto Feliz, o quadro de componentes da expedição já não era o mesmo: falecido o caçador Freyreiss, estavam já desligados do escolhido conjunto o zoólogo Ménètries e o artista Rugendas, um e outro espontaneamente afastados por nutrirem outros projetos; teve o primeiro, como substituto, o zoólogo e médico alemão Christian Hasse, passando a fazer as vezes do segundo o também talentoso desenhista e pintor francês Aimé Adrien Taunay, filho do eminente Nicolas Antoine Taunay, o "pintor das batalhas", um dos elementos de maior craveira que Joaquim

Le Breton trouxe consigo, na comissão artística mandada vir por D. João VI, para a criação da Escola Nacional de Belas-Artes. Para desempenho de mister semelhante Aimé Adrien Taunay, com vistas ao setor de iconografia, altamente estimável para a finalidade da Expedição Langsdorff, contratara-se, finalmente, outro desenhista e pintor francês, Antoine Hercule Romuald Florence, que no Brasil permaneceu conhecido simplesmente por Hércules Florence.

A expedição, após percorrer as então províncias de São Paulo, Mato Grosso, trecho do Amazonas e Grão-Pará, regressou ao Rio de Janeiro no dia 13 de março de 1829, de onde havia partido no dia 3 de setembro de 1825, viajando, entre ida e volta, por via marítima, terrestre e fluvial, cerca de 13.440 quilômetros em 3 anos, 7 meses e 10 dias.

Resumiremos em linhas gerais o que foi essa importante variação de nossos sertões naquele começo do século XIX.

Numa sumaca chamada "Aurora", partiram do Rio de Janeiro dia 3 de setembro de 1825. Um vento fresco ajudou-os a vencer, em 24 horas, a travessia de 70 léguas marítimas, até Santos, e isto significou dupla vantagem, porque a embarcação conduzia, também, 65 negros novos, infeccionados por sarna da cabeça aos pés. No dia 5 aportaram a Santos, cidade de 6.000 habitantes; ali, em pequena embarcação, foram até Cubatão, então um povoado de 50 casas; nesta localidade conheceram um curioso dimanarquês de nome Eduard Smith. Em Cubatão, alugaram uma tropa de 63 animais para conduzi-los e a bagagem até Jundiá, distante 19 léguas. Após 18 dias de parada na Vila de Santos e Cubatão, partiram para o lugarejo chamado Ponte Alta, de onde partiram no dia 26 com destino a São Paulo, viajando a cavalo e a pé. A chegada na capital da província, que naquela época, contava apenas uns 12.000 habitantes, deu-se no dia 27 de setembro. São Paulo possuía algumas ruas não feias. Os habitantes da cidade eram inimigos jurados de ângulo reto, consideradas as suas ruas e casas. Depois de uma permanência de 5 dias, no dia 2 de outubro partiram para Jundiá e Campinas, então Vila de São Carlos, bifurcação do caminho de Itu e para o sertão de Goiás. Vencidas ainda algumas léguas, detiveram-se junto ao riozinho **Juqueri**. Recolheram-se a miserável cabana, suja e, mesmo, repugnante. Precisavam, porém, repousar e jantar, e a alternativa era aquela. O morador, um coitado, só lhes pôde mostrar uma insignificância de pó de ouro, que tirara do rio, e isto com tanta dificuldade, que nem valia a pena.

Escasseavam de tal forma os recursos no trajeto, que, por todo o tempo que o pobre homem viveu, sua choça abrigou as mais importantes personalidades, como regentes, ministros, senadores e deputados. O velho Paulo era tão conhecido do povo, quanto dos ricos e dos homens de Estado.

Ao fim do jantar, Paulo serviu-os **canjica**. Exclusivamente paulista, esse alimento consiste em milho socado, mas apenas o necessário para retirar-lhe a casca.

A proporção que Jundiáí se avizinha, as matas se adensam e o terreno fica mais verdejante.

Às 9 horas da noite do dia 2 de outubro chegaram a Jundiáí, onde permaneceram por 30 dias, acolhidos por família com que eram aparentados seus companheiros brasileiros que viajavam juntos, e ela tratou-os como se fossem da casa.

Os hospedeiros levaram-nos a assistir a uma prática roceira chamada **mutirão**: quando alguém, que tem poucos escravos ou nenhum, quer colher o milho ou outro qualquer produto da lavoura, convida os vizinhos a virem ajudá-lo. A casa enche-se de gente, os homens vão para a colheita e as mulheres correm, para apressar as refeições. O trabalho, em meio a um ar festivo, estende-se pelo dia inteiro e, chegada a noite, todos se distraem conversando, rindo e, até mesmo, um ou outro arranha a sua viola, que jamais falta sob um teto brasileiro.

No dia 2 de novembro de 1825 os expedicionários partiram de Jundiáí para Campinas ( Vila de São Carlos ), cuja parada foi de um mês e 15 dias. Em Campinas conseguiram nova tropa para o transporte. As matas, agora, apresentam-se valorizadas por maior beleza e melhores se tornam as terras.

Apesar de sua extensão, esta cidade desperta a atenção relativamente à ausência de sobrados, enquanto esparsas aparecem as casas que a compõem. Notam-se muros e muros avermelhados, todos de taipa. No dia 15 de dezembro deu-se a partida para Porto Feliz, via Itu, tendo a noite chegado ao lugarejo chamado Jaguará, onde pernoitaram. Na manhã de 16 partiram para o lugarejo denominado Cachoeira, tendo a chegada sido à noite, onde a expedição fez pouso. A partida para a Vila de Itu foi no dia 17, tendo passado antes pelo Salto de Itu. Em Itu permaneceram 3 dias e, no dia 20 partiram para Porto Feliz, que era então o embarcadouro para Mato Grosso. Em Porto Feliz, para onde Hércules Florence havia seguido na frente, permaneceram seis meses na preparação e organização de todo o material para a expedição; construção dos batelões ( barco e canoas ), contratação de escravos e guias para a viagem fluvial pelo rio Tietê e demais rios que irão encontrar pela frente.

Designado pelo chefe da expedição, enquanto os companheiros viajavam por outros setores da província paulista, Hércules Florence procurou, em Porto Feliz, o cirurgião-mor Francisco Álvares Machado e Vasconcellos, homem de bastante prestígio na localidade e nas circunvizinhanças, renome esse granjeado graças a sua reconhecida habilidade profissional, que muito contribuiu para transformá-lo em

político de realce, com atuação de liderança nas fileiras do Partido Liberal, ao lado de, entre outros, Vergueiro, Feijó, Antonio Carlos, Tobias d'Aguiar e Paula Souza.

Álvares Machado acolheu Hércules Florence em sua casa, como hóspede, até a partida da expedição, e deu de si o máximo, nos preparativos do extenso e demorado reide, quase exclusivamente fluvial, que ali se iniciaria, rumo a Mato Grosso. Não mediu esforços para que se construíssem em curto prazo as embarcações requeridas, um batelão e bom número de barcos menores; também não mediu, quanto ao mais perfeito aproveitamento, relativamente a guias, pilotos, ajudantes de pilotos, caçadores, remadores e gente de transporte de cargas, assim como promoveu a formação de estoques de gêneros alimentícios essenciais, medicamentos e material para defesa contra possíveis agressões, porquanto a empreitada ia ter incalculável duração, estando sujeita a toda sorte de riscos.

O dia do início da penosa e temerária excursão pelos virgens sertões a serem enfrentados, chegou afinal e, nesse 22 de junho de 1826, deu-se a largada da comissão científica e artística chefiada pelo Barão George Heinrich von Langsdorff, cujo barco ostentava o pavilhão da Rússia imperial.

Antes desse acontecimento, porém, já também se tinha desligado da expedição o zoólogo e médico Christian Hasse. Hércules Florence, na intimidade de Álvares Machado e sua companheira Cândida Maria de Vasconcellos Barros, conhecera a única filha deles, a adolescente Maria Angélica, cujos dotes o sensibilizaram. De igual forma, o cientista alemão impressionara-se com a figura da filha de Álvares Machado, e esta foi a razão por que resolveu quedar-se em Porto Feliz. Deliberara desposá-la, mas esse projeto frustrou-se, porque, consultada pelo pai, a quem o pretendente formulou o pedido de casamento, não vacilou a jovem em responder que só se casaria com o segundo desenhista às ordens de Langsdorff, isto é, Hércules Florence.

A grande excursão fluvial, começada ao meio-dia desse 22 de junho de 1826, ali na antiga e histórica **Araritaguba** ( primitivo nome de Porto Feliz ), estendeu-se pelos rios Tietê, Paraná, Pardo, Coxim, Taquari, Paraguai, São Lourenço e Cuiabá, num percurso de 530 léguas, ou seja, bem mais de 3.180 quilômetros, em período que se desdobrou da citada data até 30 de janeiro de 1827, vale dizer 6 meses e 8 dias.

Da capital da Província de Mato Grosso, Cuiabá, onde chegaram no dia 30 de janeiro de 1827, executadas várias digressões pelo território dessa dilatadíssima região, e vencida mais uma etapa de tempo expressa por 11 meses de estada, os expedicionários reiniciaram viagem, no dia 5 de dezembro de 1827, com destino ao Grão-Pará, divididos em dois grupos, sendo certo que Langsdorff, Rubzoff e Florence navegaram os rios

Preto, Arinos, Juruena e Tapajós, reservando-se Riedel e Taunay o percurso dos rios Guaporé, Mamoré e Madeira. Nas águas do primeiro desses rios, desafortunadamente Taunay, ao tentar atravessá-lo em circunstâncias pouco propícias, encontrou a morte, submergindo, sem a mínima possibilidade de socorro. Tão talentoso moço era irmão de Félix Taunay, eruditíssimo preceptor de Dom Pedro II e pai de Alfredo d'Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay), uma das cintilações intelectuais e culturais brasileiras, assim como avô do preclaro historiador Afonso d'Escragnolle Taunay, autor de quase uma centena de obras, notadamente a monumental **História Geral das Bandeiras**, todas elas subitamente qualificadas, tanto assim que, num congresso de especialistas realizado nos Estados Unidos, o classificaram entre os 10 maiores historiadores do mundo, a quem, até hoje, seus colegas se referem carinhosamente pelo epíteto de "mestre".

A grave enfermidade contraída por Langsdorff na primavera de 1828, a qual, não só lhe afetou, na fase mais intensa, as faculdades mentais, como lhe deixou, pelo resto da existência, intermitentes seqüelas dessa lamentável manifestação de avarias psíquicas, motivou, em janeiro de 1829, uma reunião na cidade de Belém do Pará, em que todos os componentes do agrupamento de cientistas e artistas por ele chefiados concordaram em dar por encerrado o grandioso plano, cuja realização ele se propusera, em termos de tal sorte ambiciosos, que incluía, até, um prolongamento pela Venezuela e por outros países de língua castelhana.

Em março desse mesmo ano, ou seja, dia 13, estavam todos de volta ao Rio de Janeiro. E Hércules Florence cuidou imediatamente de pôr-se em contato pessoal com Félix Taunay, a fim de o inteirar de minúcias do infortúnio que lhe arrebatara a vida do esperançosíssimo irmão, ocasião em que deixou com o amigo, mentor e patrício muito ilustre 84 páginas, escritas em letra miudíssima, com anotações que serviram de base para Florence elaborar seu precioso diário de viagem da expedição, enfeixando num manuscrito de 423 páginas, em poder deste que vos fala, volume em que outrossim se descrevem circunstanciadamente os múltiplos inventos da autoria de Hércules, a que, ao cabo de porfiadas pesquisas, ele chegou em épocas posteriores a 1830, quando já com residência estabelecida em Campinas, onde viveu aproximadamente 50 anos, porquanto lá faleceu em 27 de março de 1879.

Achamos de nosso dever prestar um esclarecimento ao distinto, seleta e culto auditório que aqui nos honra com seu comparecimento, o porquê destas comemorações relacionadas com o sesquicentenário da partida da expedição científica de Porto Feliz.

Em determinado dia de abril de 1973, por indicação do Dr. Eduardo Salvatore, presidente do Foto-Cine Clube Bandeirante, o arquiteto, jornalista, fotógrafo e historiador da fotografia no Brasil Boris

Kossoy, que mantinha no suplemento literário do jornal “O Estado de São Paulo” página dedicada à “História da Fotografia”, nos procurou em nossa residência de Campinas, a fim de colher dados sobre o êxito obtido em 1833, nessa mesma cidade, por Hércules Florence, relativamente à invenção da fotografia. E pediu-nos permissão para examinar e fotografar os documentos originais em nosso poder, assim como nos pediu cópia da palestra que realizamos no ano de 1948 na Biblioteca Pública Municipal “Mário de Andrade”, de São Paulo em torno das pesquisas naquele longínquo ano coroadas do mais animador resultado. Kossoy pretendia dar, em sua citada página, a maior divulgação ao feito de Hércules Florence, se possível, com ilustrações.

— A título de esclarecimento, acho ser de meu dever colocar o distinto auditório a par de que: — desde 1932, ano do centenário da primeira centelha de Hércules Florence rumo à invenção da fotografia, até os dias que correm, isto é, há 45 anos e não há 45 meses e, muito menos, há 45 dias, venho trabalhando incessantemente, confiantemente, no sentido de que se reconheçam as felizes anterioridades de Hércules Florence, por meio de palestras e conferências, artigos publicados em muitos jornais e revistas do Brasil, entrevistas dadas à imprensa brasileira e até do exterior — tendo a partir de 1948 realizado conferências em São Paulo, Campinas, Rio de Janeiro, Santos, Jundiaí, e em muitas cidades e capitais de outros Estados. O trabalho de divulgação que empreendi sobre a vida científica e invenções de Hércules Florence, teve lugar em junho de 1948, quando Eduardo Salvatore, presidente do Foto-Cine Clube Bandeirante, da capital, entusiasta e estudioso dos feitos do notável inventor franco-brasileiro, disse-me: **Urge divulgar tudo para que Hércules Florence tenha também, na história da fotografia, o seu lugar ao lado de outros precursores como Nièpce, Bayard, Fox-Talbot, Daguerre etc.**”

À cruzada que encetei há vários decênios, ou seja, em 1932, quando publiquei o primeiro artigo no jornal “A Razão”, dirigido por Alfredo Egydio de Souza Aranha, quando do primeiro centenário em que Hércules Florence teve a idéia de que talvez se pudesse fixar as imagens na câmara escura, por meio de um corpo que mude de cor pela ação da luz, isto, ocorrido no dia 15 de agosto de 1832, se devem três bustos em bronze de Hércules Florence, cujos feitos, na invenção da fotografia, Boris Kossoy, com sua reconhecida e legítima envergadura de historiador especializado e consumado técnico, revelou, agora, em outubro último, precisamente nos dias 9 e 10, ao mundo, porque, seu fulgurante êxito de Rochester nos Estados Unidos se verificou ante autoridades procedentes de numerosos países notadamente da França, da Inglaterra, da Alemanha e do Japão, sem contar as norte-americanas, país promotor do III Simpósio Internacional da História da Fotografia.

Voltando à narrativa inicial devo informar aos presentes que o jornalista Boris Kossoy nos relatou naquela visita primeira, que, com apoio

do Prof. Pietro Maria Bardi, diretor do Museu de Arte de São Paulo “Assis Chateaubriand”, em momento em que a fotografia ganhava terreno e alcançava seu merecido lugar no panorama das artes plásticas, surgia a oportuna iniciativa de, na então importante instituição localizada na Av. Paulista, fazer-se uma exposição sobre a “Fotografia no Brasil”, necessitando-se, portanto, de documentos, fotografias e outros dados ilustrativos do acontecimento que teve por cenário Campinas, há 143 anos.

Em se tratando da divulgação das investigações de natureza científica, estudos e descobrimentos efetuados por nosso bisavô, não hesitamos um só instante em pôr à disposição do interessado o mais completo material que lhe pudesse ser útil e, não só isso, com o fito de ajudá-lo nos preparativos, comparecemos ao Museu de Arte de São Paulo, cuja categoria se mede por sua projeção universal. E pudemos, desta forma, colaborar, a fim de que a exposição alcançasse, como efetivamente aconteceu em junho de 1973, muito compensadora atenção por parte do grande público visitante, que, com efeito, percorreu, bastante interessado, os diferentes setores do recinto a ela consagrado.

Enquanto se preparava a exposição, tivemos nos vários contactos com o Prof. Bardi, o ensejo de facilitar-lhe o manuseio dos documentos originais para ali levados, sendo positivo que, de modo particular, chamou a atenção do diretor do MASP o diário descritivo da peregrinação científica a que se deu o nome de Expedição Lagsdorff, diário esse intitulado “Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas”, contido em volume quase inteiramente manuscrito na língua do autor, ou seja, o francês.

Em sua condição de grande autoridade e profundo conhecedor da arte, com especialidade o que mais de perto se volta para o desenho e pintura, sensibilizou-se favoravelmente o Prof. Bardi com o que lhe foi dado ver e, em certo momento, nos perguntou, ao proceder a novos exames da documentação: — “Arnaldo, você não gostaria de realizar uma exposição dos desenhos e pintura de seu bisavô, aqui no museu?”. A nossa resposta foi que, havia já algum tempo, vinha procurando reproduzir tais desenhos em aguadas de nanquim e guache, com a intenção de expor nossas reproduções em Campinas, quando da celebração do sesquicentenário da partida da Expedição Langsdorff do Rio de Janeiro. Esclarecido o que de fato intentava fazer, ouvimos do diretor do MASP esta exortativa ponderação: — “E por que essa exposição não se realiza aqui, no Museu de Arte? Como diretor do museu, posso ceder, para tanto, o salão principal, e reservar para isso dia e mês, podendo-se também, usar verba destinada a uma edição, em português e francês, do diário de viagem, fornecendo-lhe eu um documento de compromisso”.

Com o sucesso da exposição da história da fotografia, feita a publicação de que, no suplemento literário editado pelo “O Estado de São

Paulo” em 12 de agosto de 1973, se desincumbiu Boris Kossoy, houve o acerto entre o Prof. Bardi e nós, no sentido de que se faria a exposição das reproduções dos desenhos e mais dos quadros existentes no Museu Paulista da Universidade de São Paulo, popular e historicamente conhecido por Museu do Ipiranga, mediante concessão que se pediria ao diretor desta muito nobre casa, Prof. Antônio Rocha Penteado. Deliberou-se, igualmente, que se oficiaria ao Embaixador da URSS em Brasília, rogando seus favores para que a Academia de Ciências de Leningrado, cedendo, por empréstimo, os desenhos de Amado Adriano Taunay e de Hércules Florence, que lá se encontram, colaborasse para a concretização, aqui, de celebração à altura do histórico acontecimento.

A 6 de setembro, logo seguinte, providenciou-se a remessa do ofício firmado pelo Prof. Bardi, ao mesmo passo que se desenvolviam, com a recomendável discricção, e na medida do possível, as atividades indicadas para se removerem quaisquer contratemplos ou empecilhos.

Já em 25 de julho, nós recebemos em Campinas carta em que o diretor do Museu de Arte de São Paulo confirmava a disposição do Museu em organizar em 1975 — sesquicentenário da significativa ocorrência que foi a saída, do Rio de Janeiro, dos cientistas e artistas que compuseram a Expedição Langsdorff — uma ilustrativa e bem documentada mostra com que se comemoraria tal evento.

Dando curso, no que nos competia, aos preparativos para a planejada celebração, visitamos o diretor do Museu Paulista, na tentativa de obter, por empréstimo, os indispensáveis quadros.

Generosamente acolhido, ouvimos do Prof. Rocha Penteado, após minucioso relato sobre tudo quanto se objetivava com a exposição a realizar-se no Museu de Arte, que, com o maior prazer, ele, diretor do Museu do Ipiranga, daria sua plena cooperação à idéia concebida, e que aquela instituição, tão cara a todos os paulistas, não só poria à disposição de seu ilustre colega as telas desejadas, mas todo o material fotográfico considerado necessário. Ao dizer isso, entretanto, o Prof. Penteado ponderou: — “O Sr. não acha que essa exposição ficaria mais a propósito aqui no Museu Paulista, uma vez que esta é a casa onde se trata dos assuntos históricos? De qualquer maneira, não tenho a menor dúvida em colaborar com o Prof. Bardi. Poderemos fazer uma coisa grandiosa, com repercussão nacional e internacional, promovendo-se o comparecimento das autoridades e personalidades de relevo, corpo consultor e elementos diplomáticos e culturais dos países que estiveram representados na expedição científica”.

Respondemos que iríamos, imediatamente, pôr o Prof. Bardi a par da sugestão, o que de fato ocorreu.

Compreensivo e cavalheiresco, o diretor do MASP concordou com o alvitre e disse, na realidade, a exposição deveria ter por sede o

Museu Paulista, local, nesse caso, mais adequado, já que o MASP se dedica, predominantemente, a exposições específicas e não à de fundo histórico.

Um telefonema foi, a seguir, base de encontro que se verificou, no dia seguinte, naquela nobre casa, entre os Professores Penteado e Bardi, este por nós acompanhado, encontro em que, depois de cuidadosos entendimentos, se decidiu designar o Museu Paulista local da exposição em perspectiva, bem como de todas as festividades celebrativas do sesquicentenário da Expedição Langsdorff, realizações programadas para 3 de setembro de 1975, quando se lançaria a tradução completa do diário de viagem elaborado por Hércules Florence, a ser editado sob os auspícios do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, tradução essa, feita literalmente do diário de viagem, por um bisneto do autor, Professor Francisco Álvares Machado e Vasconcellos Florence, a pedido do Prof. Antônio Rocha Penteado.

Passado alguns meses, chegou a São Paulo o Prof. Valentim G. Alioshin, adido cultural da Embaixada da URSS ( Assuntos Culturais ) em Brasília, o qual, em nome do embaixador, vinha pessoalmente trazer a resposta do ofício que lhe encaminhara o Prof. Pietro Maria Bardi, e, aproveitando a oportunidade, entregar um exemplar do livro recentemente editado na União Soviética, sob o título "Materiais da Expedição G. I. Langsdorff no Brasil", lançamento de 1973, volume que, por intermédio do Diretor do MASP, se pôs em mãos do diretor do Museu Paulista, que por sua vez, nos confiou, para as dele, quase todo redigido em russo, com não poucas anotações em francês e alemão, bem assim um resumo geral final no português possível a quem o escreveu, auferir as informações que se apresentassem como de maior proveito.

Como o Prof. Bardi informara ao adido cultural da embaixada soviética ter passado para a alçada do Museu Paulista o assunto atinente à exposição e às demais comemorações requeridas pelo sesquicentenário, o Prof. Alioshin deu-se pressa em manter direto contato com o Prof. Rocha Penteado, com quem naquela casa dialogou por algum tempo, quando lhe assegurou que os originais existentes na Academia de Ciências de Leningrado, lamentavelmente, não poderiam de lá sair, mas que viriam fotocópias ou fotografias ampliadas dos desenhos de Amado Adriano Taunay e Hércules Florence, acrescentando que seu governo teria muita satisfação em poder contar com a presença pessoal, não só dos diretores dos museus aqui patrocinadores das celebrações, mas também com a de um representante da família de Hércules Florence, em Leningrado, de preferência o bisneto, Arnaldo Machado Florence, que é o depositário dos originais, bem como a pessoa que vem divulgando os feitos científicos do pintor e desenhista francês, ao comemorar-se, lá, a partida da Expedição Langsdorff, ocasião em que se realizariam exposições de desenhos e

pinturas originais de Taunay e Florence, encontráveis naquela cidade, e, desde que possível, também dos aqui existentes na posse das respectivas famílias. Nesse ensejo, os comparecentes, previamente convidados, prefeririam palestras ou conferências sobre Langsdorff e seus companheiros de expedição, reservado a Hércules Florence o lugar a que faz jus.

Isto posto, voltemos ao assunto relacionado com a expedição divulgada pelo livro recentemente publicado na União Soviética, sob o título a que nos referimos acima, um de cujos exemplares, de 228 páginas, o Sr. Valentin D. Alioshin, entregou ao Prof. Rocha Penteado, contém anotações de real significação, como a que segue, voltada para ilustres viajantes que no século passado, vindos do exterior, andaram por todos os recantos do Brasil.

“A comparação do itinerário da expedição de G. I. Langsdorff com os itinerários das viagens de J. Mawe, J. Luccock, W. L. von Eschwege, M. Wied Neuwid, Augusto de Saint-Hilaire, J. E. Pohl, J. B. Spix e K. Ph. Martius e outros, mostra a sua novidade e originalidade. Em oito anos de viagem, Langsdorff e seus companheiros passaram ( sic ) mais de 15 mil quilômetros”.

Oficialmente, na Rússia Imperial e, depois, na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, sempre se considerou de 8 anos a duração do empreendimento levado a cabo por Georg Heinrich von Langsdorff, nascido em abril de 1773, no principado alemão de Pfaltz, diplomado doutor em medicina em 1797, pela Universidade de Goetingen, e falecido em Friburgo ( Brisgau ), a 29 de junho de 1852, com a idade de 78 anos, e que, não obstante a sua condição nacional de alemão, figura, na citada publicação soviética, com o nome de Grigòri Inanovitch Langsdorff. Em Leningrado e Moscou, dá-se 1821 como o ano de início da expedição, quando o “Czar” Alexandre I a tomou sob sua égide, que, em 1825, Nicolau I considerou sua, até o final da imensa jornada, em 1829. Sem embargo disso, em fins de agosto e começo de setembro de 1975 lá houve comemorações, alusivas ao sesquicentenário da saída, no dia 3 de setembro, do Rio de Janeiro, pois russos moradores em Campinas, meus vizinhos, ouviram, pelo rádio, repetidas notícias, a esse respeito, veiculadas especialmente de Leningrado.

Outras anotações reunidas no resumo final do citado livro de edição russa, ofereceu o mesmo interesse, pelo que se lerá a seguir:

“A expedição de Langsdorff começou a ser estudada nos anos de 1875 – 1876, quando o escritor brasileiro Alfredo d’Escragno Taunay ( Visconde de Taunay ) publicou, traduzindo-as do francês ao português as notas do pintor Florence. No fim do século XIX – começo do XX, os desenhos dos pintores da expedição atraíram a atenção dos

etnógrafos americanistas. Estes desenhos foram mencionados pelo conhecido viajero alemão K. von den Etein e o ( sic ) sábio suíço G-Ten Kate.

Em 1917, o etnógrafo russo G. G. Manizer ( 1889 – 1917 ), reunindo os materiais referentes à expedição, escreveu o livro “A Expedição do Acadêmico G. I. Langsdorff ao Brasil ( 1821 – 1828 ). A Manizer interessavam, em primeiro lugar, as notas de Florence, publicadas por Alfredo Taunay, os desenhos dos participantes da expedição e as coleções etnográficas que se encontravam no Museu de Antropologia e Etnografia da Academia de Ciências. A morte de Manizer em junho de 1917 impediu a publicação do seu livro”.

Com efeito, o cientista G. G. Manizer teve sua atenção despertada pela abundância do material existente no Museu “Pedro, o Grande”, da então Academia de Ciências de Petrogrado, material esse com a referência, ainda pouco significativa, de “Langsdorff”. Em decorrência disso, veio Manizer, entre 1914 e 1915, ao Brasil, aqui recolheu esclarecimentos indispensáveis à compreensão do que foi exatamente o valioso cometimento científico e, utilizando-se, em sua maior parte, do diário de viagem redigido por Hércules Florence ( tradução do Visconde de Taunay ), escreveu, de volta à Rússia, seu mencionado livro, postumamente editado, mercê da dedicação da etnógrafa B. G. Chprintsin, e isto ocorreu em 1948. Oswaldo Peralva traduziu-o e, em 1967, portanto, há nove anos, a Companhia Editora Nacional de São Paulo pô-lo ao alcance do público brasileiro, em sua coleção “Brasiliana”, em que a obra figura como o volume nº 329. Na apresentação do livro, feita pelo tradutor Peralva, nota-se logo este tópico:

“O único relato conhecido da expedição é o do desenhista Hércules Florence, publicado, em tradução do Visconde de Taunay, na revista do Instituto Histórico Brasileiro, volume XXXVIII, relativa a 1875, posteriormente publicado em volume da Companhia Melhoramentos de São Paulo, fartamente ilustrado, e com prefácio de Afonso d’Escragolle Taunay. O texto original francês apareceu em diversos números da revista da Sociedade Científica de São Paulo, em 1905. Na revista alemã “Globus”, Karl von den Stein publicou trechos dele em artigos sobre Florence incluindo ilustrações”.

Nesse livro, G. G. Manizer, além de apoiar-se à vontade no diário escrito pelo segundo desenhista, que, depois do triste desastre de Amado Taunay no rio Guaporé, ficou sendo o único da expedição, faz contínuas alusões à seriedade científica e fidelidade expressional de seus desenhos. Tal como Rugendas e Taunay, ambos pertencentes a família de pintores de categoria na Alemanha e na França, Hércules Florence era, pelo lado materno, um Vignalys, gente que deu um Jean Baptiste, uma Celine, um Claude e um Arnaud de Vignalys, bem como um Fortuné e um

Philibert Florence, artistas, todos, de reconhecidos recursos, o último dos quais professor de desenho e pintura, com alunos como princesas das casas reais britânicas e austríacas, bem como a que se converteu em Rainha Guilhermina da Holanda, mãe da atual soberana. O Palácio do Principado de Mônaco está repleto de trabalhos deles.

O resumo que finaliza o livro trazido pelo Sr. Alioshin, enriquecido por reproduções de desenhos de Rugendas, Taunay e Florence, absolutamente inéditos no Brasil, que de todos os três artistas já conhece muitos outros, encerra mais estas palpitantes informações:

“Nos anos 20, a expedição atraiu o interesse dos homens de ciências soviéticas. Em 1925, V. G. Bogoraz-Tan, etnógrafo e lingüista, apresentou ao XXII Congresso Internacional de americanistas em Roma uma informação sobre as expedições russas na América do Sul, em que se refere também à expedição Langsdorff. Em 1928, J. D. Strelnikow falou sobre a expedição de Langsdorff no XXIII Congresso Internacinal de Americanistas.

“Em 1930, o colaborador científico do arquivo da Academia de Ciências da URSS, Modzlavesky, descobriu o arquivo da expedição de Langsdorff. Para o estudo desse arquivo, contribuiu consideravelmente a especialista em etnografia N. G. Chprintsine (1904 – 1963). Nos seus artigos e outras publicações, dedicadas à vida e costumes dos índios e negros do Brasil no começo do século, figura uma série de materiais etnográficos, manuscritos dos principais da viagem. Em 1948, Chprintsine publicou o livro de Manizer, dedicado à expedição de Langsdorff. N. G. Chprintsine e a lingüista O. K. Vasilieva-Chwede, estudaram e descreveram os materiais lingüísticos da expedição. Nos anos 60 – 70, foram publicados obras de B. N. Komissarov, dedicadas ao estudo dos materiais da expedição, como fonte histórica”.

O interesse pelos materiais da expedição, fora da União Soviética, foi ligado, nos últimos decênios, à nova edição do manuscrito de Florence por primeira vez em 1875 – 1876, e ao estudo dos desenhos do membro da expedição.

No presente livro, publicam-se perto de 800 descrições de documentos da expedição, que se guardam na Filial de Leningrado do Arquivo da Academia de Ciências da URSS, no Arquivo da política exterior da Rússia (Moscou), no Arquivo Central da Marinha Militar da URSS (Leningrado), no Arquivo Central Histórico da URSS (Leningrado). Pode-se afirmar que esta descrição reflete todos os materiais da expedição, hoje conhecidos, que se encontram na União Soviética.

“O manuscrito de Hércules Florence, que se descreve na primeira parte, surgiu já depois de terminada a expedição, nos anos de

1824 – 1830, na base de um diário do pintor, que até agora foi impossível encontrar. As notas de H. Florence, publicada nos anos de 1875 – 1876, foram escritas na base do mesmo diário, mas muito mais tarde, em 1855 – 1860. A cópia leningradense do diário de H. Florence contém informações importantíssimas sobre a história e a etnografia do Brasil nos anos 20 do século XIX, e é incomparavelmente mais próxima do original. Apresentando, por isso, um valor científico muito mais alto do que a publicação de Alfredo Taunay.

“Os materiais da expedição do acadêmico G. I. Langsdorff são uma preciosa fonte e estudo multilateral do Brasil no começo do século passado. Mas de todos os materiais manuscritos da expedição – em total de mais de 2000 folhas – foram publicadas somente algumas dezenas de folhas. O estudo desses materiais leva à conclusão da necessidade de sua publicação completa. O Arquivo da Academia de Ciências da União Soviética, nos últimos anos, realiza trabalhos preparativos para facilitar a edição dos documentos da expedição de G. I. Langsdorff. A publicação da presente descrição científica é uma das etapas desta complicada tarefa.”

Para se ter uma idéia do que representa esse acervo, atente-se para o que ficou expresso no discurso proferido pelo Professor Vinício Stein Campos, Diretor do Serviço de Museus do Estado de São Paulo e um dos expoentes da cultura pátricia, ao inaugurar, a 13 de outubro de 1968, no Museu Histórico e Pedagógico das Monções, em Porto Feliz, a Sala Expedição Langsdorff: O Padre Clemente da Silva Nigra, conspícuo Diretor do Museu de Arte Sacra da Bahia, encontrando-se em Leningrado, ouviu de respeitável personalidade cultural que a Academia de Ciências abrigava uma das mais reputadas coleções etnológicas e iconográficas de que se tinha notícias e, visitando o edifício dessa instituição, nele foi conhecê-la como a constituída pelo magnífico acervo da Expedição Langsdorff, distribuído por cinco salas.

O diário de Hércules Florence, que o livro de recente publicação na União Soviética menciona como de paradeiro ignorado, observação essa encarecida pela advertência de que nele há informações importantíssimas sobre a história e a etnografia do Brasil nos anos 20 do século XIX, acaba de ser inteiramente traduzido – conforme já nos referimos no início desta palestra – aguarda oportunidade para sua publicação, o que seria ponto alto do programa comemorativo da exposição, que terá lugar no Museu de Arte de São Paulo, celebração essa que assinalará o sesquicentenário do começo do maior roteiro entre todos os considerados objeto de atenção dos cientistas e artistas em ação sob o patrocínio de dois imperadores da Rússia, quando se fincou, no esquema das realizações de primazia, o marco de partida em Porto Feliz.

Esse diário, em verdade, apresenta muitos e muitos aspectos que não se encontram no esplêndido trabalho literário que é a tradução

empreendida pelo Visconde de Taunay. Como se sabe, este pôs em português as 84 páginas de anotações que Hércules Florence, em 1829, ao voltar da grande viagem, confiara a seu pai.

Aproveitamos o feliz ensejo desta sessão, para render, com toda a gratidão, homenagem à memória do ínclito escritor Alfredo d'Escragnoille Taunay (Visconde Taunay), e de seu egrégio filho, o magistral historiador Afonso d'Escragnoille Taunay, ligadíssimo àquela muito querida instituição que é o Museu Paulista da Universidade de São Paulo, de que foi Diretor por longos anos; homenagem extensiva à memória de Estêvão Leão Bourroul, escritor do melhor estofa, biógrafo que projetou a figura de Hércules Florence, de quem era patrício, por ter também nascido em Nice e, finalmente, à memória do provecto historiador e homem público da máxima respeitabilidade, que foi, de 1926 a 1930, o nosso Presidente da República, Dr. Washington Luís Pereira de Souza, que, tanto como Prefeito da Capital, quanto como Presidente do Estado de São Paulo, distinguiu as figuras de Hércules Florence e seu sogro, Álvares Machado, com o seu mais absoluto apreço.

Esta homenagem colhe, também, em cheio, as pessoas do Dr. Eduardo Salvatore, Prof. Vinício Stein Campos e Prof. Boris Kossoy, individualidades culturais cuja expressão dispensa qualquer encarecimento. Significa-lhes ela o reconhecimento de toda a família pelo muito que tem feito, para que se continue e mais avulte tão frutífera ação, decidida e benemerente levada por diante, por seus ilustres antecessores.

Hércules Florence revelou-se, além de artista, um estudioso enciclopédico da natureza. Prestou homenagem às vítimas dessa expedição e legou-nos belíssimas paisagens locais. O Barão Georg Heinrich von Langsdorff não conseguiu restabelecer-se, posto que fosse imediatamente transportado para a Europa, para ser tratado convenientemente.

“Em 1829 os materiais coletados pela expedição foram levados à São Petersburgo — então capital da Rússia — pelo astrônomo Nestor Rubtzov e distribuídos pelos respectivos museus e gabinetes da Academia de Ciências. Rubtzov, — segundo informações da época — com uma enfermidade das pernas — resultante da febre intermitente que o atacara — quase o privou da possibilidade de andar, morrendo logo depois de seu regresso à Rússia, algures no mar Cáspio. O jardim botânico de Pedro, o Grande, comprou a maior parte das plantas vivas de Ludwig Riedel e o enviou juntamente com o jardineiro Luchnat, várias vezes ao Brasil, onde foi fundada, no Rio de Janeiro, uma sucursal do jardim, a qual subsistiu alguns anos. Em face da riqueza do Brasil em plantas úteis e, antes de tudo, “farmacêuticas”, o estabelecimento do jardim era naturalmente justificado. Entretanto, exigia muitos gastos e foi liquidado. O nome de Riedel, como o de Langsdorff, permaneceu indelével na história da pesquisa da flora brasileira”.

A figura de Hércules Florence tornou-se grata e estimadíssima em todo o Brasil, um dos filhos adotivos mais gratos ao nosso País. Natural de Nice, onde nasceu no dia 29 de fevereiro de 1804, filho legítimo de Arnaud Florence, natural de Toulouse, e de Augustine de Vignallys Florence, ele cirurgião dos exércitos bonapartistas e ela, segundo Bourroul, provinda de nobre ascendência, teve Hércules como avô paterno Roch Florence, cirurgião dos exércitos realistas franceses, e como avó paterna Mme. Antoinette Villette.

Retornando, Hércules Florence da expedição científica fixou residência na então Vila de São Carlos ( hoje Campinas ), onde contraiu matrimônio com Maria Angélica, filha do grande paulista Francisco Álvares Machado e Vasconcellos, cirurgião-mor e campeão da maioridade de Dom Pedro II, — e de Dona Cândida Maria de Vasconcellos Barros. O enlace matrimonial de Hércules com Maria Angélica foi realizado no dia 4 de janeiro de 1830, na Sé, de São Paulo. Do matrimônio de Hércules com Maria Angélica, houve 13 filhos. Enviuvando no dia 17 de fevereiro de 1850, Hércules contraiu segunda núpcias com Dona Carolina Krug, que passou a ser conhecida por Carolina Florence, no dia 4 de janeiro de 1854, em Campinas, de cujo matrimônio nasceram 7 filhos. Era filha de Henrique Krug e de Dona Izabel de Bus Krug.

De ambos os casamentos de Hércules Florence, nasceram 20 filhos, todos em Campinas.

Hércules Florence entregou a sua grande e bela alma ao Criador, às 3 horas da tarde do dia 27 de março de 1879, em Campinas. Nesta cidade residira aproximadamente 50 anos; construíra família numerosa como vimos, digna herdeira de seu nome, — nome de um homem de bem e de um sábio que, em elevado grau, honra o Brasil e sua época.

\*